

RE-LEITURA DAS ANOTAÇÕES DE UM PERCURSO

Larisa da Veiga Vieira Bandeira
lvvbandeira@gmail.com

Bianca Costa Ceroni
bibiceroni@yahoo.com.br

Das anotações de um diário de aula revisitadas depois de um ano ressurgem as impressões, as falas e as fotografias de um grupo de 14 crianças de 4 a 13 anos sobre um passeio, um lugar. Na releitura das anotações de um dia, de uma visita a uma exposição de arte que acontecia no Hospital Psiquiátrico São Pedro (Porto Alegre), surgem novos olhares. Essas anotações são também o registro da primeira oficina do *Projeto Cartografias Infantis a cidade pela criança/a fotografia pela infância*, realizado em Porto Alegre (Rio Grande do Sul), com financiamento da Fundação Nacional das Artes/FUNARTE. A cartografia – da forma como é utilizada neste projeto – é um conceito cunhado pelos filósofos franceses Gilles Deleuze e Felix Guattari em seu livro *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* (1980), numa tentativa de mapear e acompanhar os múltiplos territórios que compõem a vida e que se entrelaçam aos modos de viver.

Palavras-Chave: Cartografias Infantis. Crianças. Espaços Urbanos.

Das coisas de loucos, de crianças e de professoras

De um passeio que se faz em bando, em dia de chuva, dia de botas novas.

09 de Julho de 2010 – Porto Alegre.



Estar na sala e esperar para sair, aglomerar na janela para ver se a chuva vai parar, depois fazer xixi, “olhar a chuva dá vontade de fazer”, verificar se as máquinas e celulares funcionam, se a meia combina com a meia da colega, se todos que gostamos aqui estão, barulho, barulho, barulha-se enquanto se espera o ônibus para sair.

Sentamos então, sentamos em roda para conversar, (outro barulhar), fazer uma pergunta para disparar algo que já disparou, que estala pelas paredes, a vontade de ir para um lugar onde só o que se sabe é que lá estão expostas obras de arte. O que segue é a transcrição de um pouco, do tanto, da polifonia que tomou conta do grupo; não conseguiremos dar a autoria correta de cada trecho, por que fizemos as perguntas e procuramos ouvir as respostas e acompanhar as muitas novas perguntas que foram suscitadas. Porque eram muitos e de diferentes idades não existiu uma ordem linear nessas conversas, os movimentos das conversas eram orientados pela altura da voz, pela expressão mais ou menos vigorosa, pelo suporte encontrado na acolhida ou resistência do grupo, proporcionando movimentos circulares, algumas vezes com giros tão rápidos que provocam um aparecimento nessas conversas de assuntos que estavam aguardando a uma das muitas brechas para surgirem na roda. Vamos ao disparo então: O que é arte? E do disparo da pergunta – projétil às respostas – ricochetes.

A arte é o que está nas obras, no papel, nas telas dos museus. Mas pode estar nas ruas, nas estátuas, e tem obras nas ruas também. Pode estar no desenho dos tênis e das roupas. Todos podem fazer obras, ser artistas. A minha mãe disse que eu sou um artista, que estou sempre fazendo arte. Os cegos não podem fazer por que não enxergam e os débeis mentais também não porque não podem pensar. Eu acho que os cegos podem fazer, eles só não vão poder ver depois, eu vi um cara sem as mãos que pintava com os pés. Os surdos podem fazer por que não precisa ouvir para fazer arte. Têm umas obras tri loucas. Louco pode fazer arte? Pode, tem um monte de artista tri loucão. E o que é ser louco? É atravessar a rua correndo sem olhar para os lados. É chegar num guarda que tá de cavalo e bater no guarda. Eu sou louco, a minha mãe sempre diz: – “tu tá louco guri?” e eu sou artista também. As obras de arte ficam nos museus, nas escolas, nos teatros, nos museus, nos hospitais. Pintura é arte, cinema e música não, fotografia é¹.

A buzina do ônibus interrompe e dispersa a roda de conversas. Um levante se inicia; os ruídos de excitação da saída, uma saída em tarde de chuva, quase promessa de invasão de um lugar desconhecido. O passeio é possibilidades, possibilidades infinitas. Dentro do ônibus, inquietas, as crianças acompanham o deslocamento dos prédios pela janela.

Será que vamos para uma galeria? Um museu? Quando chegamos, da calçada enquanto o ônibus manobra para entrar, as primeiras impressões sobre o lugar.

Um castelo? Uma prisão?

Um gramado enorme em frente ao prédio com muitas poças d'águas, convite inevitável para inaugurar as botas de chuva. Uma correria para ver quem chega primeiro. Enquanto as crianças brincavam na chuva, o prédio cinzento deixa momentaneamente de existir, sua presença fica suspensa entre os pingos e a algazarra no gramado. Força indefinida, sem um nome, *o castelo ou prisão* espera ainda seus visitantes.

Quando enfim o prédio começa a ser capturado pelos olhares e pelos cliques das máquinas, o portão aberto começa também a capturar um a um de seus pequenos visitantes, que curiosos, sobem a escada.

A exposição inicia no pátio externo, e cada uma das intervenções naquele espaço atrai o olhar das crianças; ali as obras são tocáveis, palpáveis, as obras ali se molham e se olham. No local os mediadores esperam os visitantes. No acesso à parte interna do prédio as primeiras pistas são dadas aos que sabem ler. O prédio tem sua história escrita em suas paredes, nos objetos de seu acervo expostos em caixas de vidro. Algumas perguntas: "Hospital Psiquiátrico é hospital psicótico? Aqui moravam os loucos? Onde eles estão agora? Eles que fizeram as obras?"

O prédio começa a ganhar outros contornos além de sua história, das sobrecodificações, na curiosidade de seus agora novos e momentâneos habitantes.

As crianças em ebulição, com os pés encharcados e gelados e a cabeça cheia de perguntas e encantamentos fazem perguntas sobre o "castelo" onde estão expostas as obras de arte de um lugar que parecia "casa, porque tem janela, grade, grama e árvores, tudo que uma casa precisa" (Maria Júlia – 8 anos). Tinha "grades que dava para se segurar e gritar para pedir ajuda" (Carlos – 5 anos) e "rampas para correr no pátio" e o Airon (5 anos) disse que o aparelho de eletro-choque era para colocar no ouvido e perguntar "Tá tudo bem aí?"

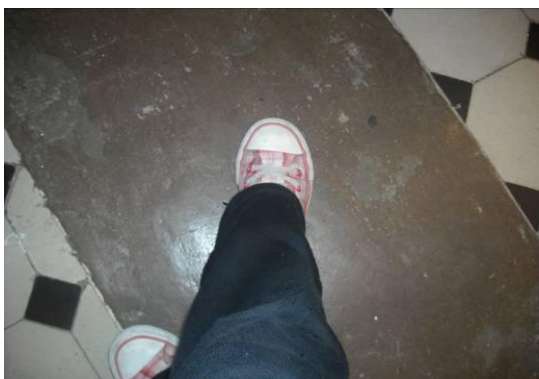


Fim das anotações/Olhar o que foi fotografado/Anotar sobre anotação

...nada a dizer, fechar os olhos, deixar o detalhe remontar sozinho à consciência afetiva (BARTHES, 1984, p. 85).

A geometria dos pisos, as irregularidades dos jardins, as gramas que rompem as rachaduras do pátio, os próprios pés fazendo o percurso. As obras, no enquadramento dos seus olhos. As manchas de umidade nas paredes, as costas dos colegas, as velocidades dos deslocamentos nas imagens desfocadas, essas são algumas das recorrências das fotografias das crianças. As coisas que

seriam os detalhes – as partes – são nessas fotografias o todo. Tal qual a presença delas no lugar, as fotografias das crianças fazem desse espaço um lugar habitável e não só de passagem e visitação. O desejo de habitação, *ele é fantasmático, prende-se a uma espécie de vidência* (BARTHES, 1984, p.65).



No site do *Projeto Cartografias Infantis a cidade pela criança/a fotografia pela infância* estão os registros dessa oficina onde o ato de fotografar ganha outras perspectivas através dos olhares infantis, os espaços visitados são recriados posicionando das crianças como *produtoras de cultura*, considerando-as como dispositivos efetivos de criação e movimentação cultural.

Link: <http://cartografiasinfantis.com.br>

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** .v.3. Rio de Janeiro: Ed.34, 1996.

ARTIFÍCIOS

Revista do Difere - ISSN 2179 6505, v. 1, n. 2, dez/2011

